

MARKHEIM: ANÁLISE DO DUPLO NA TRADUÇÃO *MARKHEIM* (2003) E NA TRADUÇÃO *UM MIDRASH DE NATAL* (2010)

Jamile Silva ROCHA (UNEB)¹⁰³
Juliana Cristina SALVADORI (UNEB)¹⁰⁴

RESUMO: A presente pesquisa tem como objetivo compreender o processo de reescrita do duplo nas traduções do conto *Markheim* (1885) – *Markheim*, por Flávio Moreira da Costa e inserido em *Os 100 Melhores Contos de Crime e Mistério da Literatura Universal* (2003), e *Um Midrash de Natal*, por Silvio Lucas e publicado no *blog Pedacos* em 2010. Para tanto, destacamos e cotejamos quatro momentos que possuem a manifestação do duplo, tendo como referencial teórico as discussões a respeito do duplo e suas características na narrativa como forma de causar inquietação nos leitores (DEMARS, 2010; MENON, 2009) e da reescrita como meio para manipulação (LEFEVERE, 2007). Através desta pesquisa, percebemos como as escolhas feitas pelos tradutores durante o processo de reescrita do duplo, pode manipular o texto literário.

Palavra-chave: Tradução e Análise Textual, Reescrita; Duplo.

ABSTRACT: *The present research aims to understand the process of rewriting of the double technique in the translations of Markheim (1885) – Markheim, by Flávio Moreira da Costa and inserted in Os 100 Melhores Contos de Crime e Mistério da Literatura Universal (2003), and Um Midrash de Natal, by Silvio Lucas and published in the blog Pedacos in 2010. Therefore, we highlight and compare four moments that have the double manifestation, having as theoretical reference the discussions about the double and its characteristics in the narrative as a way of causing anxiety in the readers (DEMARS, 2010; MENON, 2009) and rewriting as a mean of manipulation (LEFEVERE, 2007). Through this research, we noticed how the choices made by translators during the double rewriting process can manipulate the literary text.*

Key-words: Translation and Textual Analysis; Rewriting; Double.

INTRODUÇÃO

Publicado pela primeira vez em 1885 na revista *The Broken Shaft: Tales of Mid-Ocean as part of Unwin's Christmas Annual*, o conto “Markheim” foi escrito pelo, poeta gótico Robert Louis Stevenson, que também produziu obras como *Treasure Island* (1883), *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde* (1886) e *Olalla* (1885). O conto aborda a história da personagem Markheim que, na véspera de Natal, vai à loja de antiguidades sob o pretexto de precisar comprar um presente para uma pretendente para, então, assaltar a loja. Durante a execução de seu plano, a personagem mata o negociante, dando início a uma

¹⁰³ Graduanda do curso de Licenciatura Letras, Língua Inglesa e Literaturas pelo Departamento de Ciências Humanas (DCH – campus IV) da Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

¹⁰⁴ Professora Assistente da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) no Curso de Letras Língua Inglesa e Literaturas, no qual, dentre outras atividades, coordena o grupo de Pesquisa Desleitura em série: da tradução como transcrição, adaptação, refração, diáspora (<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/1792517921828602>). Suas principais áreas de atuação e interesse são teoria e crítica literária, leitura e formação de leitores, tradução como leitura-escritura.

discussão acerca do bem *versus* mal, correto *versus* incorreto no seu interior. Esse confronto, no entanto, ocorre através da construção da técnica do duplo na narrativa.

Embora o conto tenha sido bastante traduzido no país, tendo traduções como a de: Rachel de Queiroz, inserida na coletânea *Os ingleses: antigos e moderno* (1944); Nair Lacerda presente no livro *O médico e o monstro e outras histórias* (1960); Joaquim Machado no livro *O médico e o monstro (incluindo "Markheim" e "A porta de Sire de Maletroit")* (1955); Heloisa Seixas, na coletânea *Contos Fantásticos no Labirinto de Borges* (2011); e Andrea Rocha em *O Clube do Suicídio e Outras Histórias* (2015); esta pesquisa se concentra em analisar a reescrita do duplo nas traduções *Markheim*, por Flávio Moreira da Costa – inserida em *Os 100 Melhores Contos de Crime e Mistério da Literatura Universal* (2003) – e *Um Midrash de Natal*, por Silvio Lucas – publicada em 2010 no blog *Pedaços* – de modo a entender como as escolhas de um tradutor profissional (Flávio Moreira da Costa) e um tradutor não-profissional (Silvio Lucas) manipulam o texto literário e sua interpretação, conforme aceção de Lefevere (2008).

Sendo assim, para compreendermos de que forma o duplo é reescrito nas traduções *Markheim* (2003) *Um Midrash de Natal* (2010), e como ocorrem os processos tanto de reescrita textual e do duplo na construção da personagem e do enredo nas traduções de *Markheim*, destacamos e cotejamos quatro momentos no quais há a manifestação do duplo, a saber: a chegada da personagem Markheim à loja; a discussão do mesmo com o antiquário; a reflexão do assassinato cometido por Markheim; a reflexão do mesmo a respeito da dualidade presente em si. Durante a análise do conto, nos referimos ao conto original como **Texto Fonte**, a tradução de Flávio Moreira da Costa como **Texto A** e a tradução de Silvio Lucas como **Texto B**; Devido ao acesso apenas do material digital, iremos numerar os excertos com base na paragrafação da narrativa, levando em conta que o Texto Fonte possui 94 parágrafos, o Texto A tem 105 e o Texto B traz 126 parágrafos. Os conceitos estruturantes deste trabalho partem das pesquisas realizadas por Brian DeMars (2010) e Maurício Cesar Menon (2009), a respeito do duplo e suas características, e das discussões feitas pelo teórico André Lefevere (2007), acerca da reescrita.

A REESCRITA DO DUPLO EM MARKHEIM E UM MIDRASH DE NATAL.

Em seu livro intitulado *Tradução, Reescrita e Manipulação da Fama Literária* (2007), André Lefevere aborda que a edição, crítica, antologização e, também, a tradução são formas de reescrita e, por serem influenciadas por determinadas ideologias e poéticas, acabam por manipular o texto literário. Tal processo de manipulação ocorre porque, como o autor aborda, tais reescritas são consideradas “atividades típicas de baixo-nível dentro do contexto maior da interação entre leitores profissionais e não-profissionais, entre as instituições de educação e a sociedade como um todo” (LEFEVERE, 2007, p. 17) e são responsáveis pelo acesso dos leitores não-profissionais às obras, já que o alcance de reescritas são maiores que o de obras originais. Logo, como o autor aponta, a reescrita é uma forma de manter uma obra viva, circulando. O autor destaca, portanto, que devemos questionar quem e para quem se reescreve uma obra e sob quais circunstâncias. Afirmo, também, que há uma necessidade de se estudar a reescrita das obras já que a mesma manipula de maneira eficaz a interpretação dessa obra, seja através da transmissão de ideologias arraigadas à obra devido a sua produção sob restrições ideológicas ou através de motivações ou produção sob restrições poetológicas.

Podemos perceber tal transmissão de ideologias na reescrita dos títulos das traduções propostas. O conto, na versão traduzida por Flávio Moreira da Costa, **Texto A**, mantém o título *Markheim*, ao passo que a tradução empreendida por Silvio Lucas, **Texto B**, traz um novo título, *Um Midrash de Natal*. De acordo com Leandro Villela de Azevedo (2007), a

palavra Midrash é proveniente do chamado triletre hebreu “DRSh” – Dalet, Reish, Shin” – e significa uma *investigação profunda*, acrescida da preposição “Mi” que, de acordo com a pesquisa de Azevedo, significa *quem*. Assim, Midrash é “um compêndio de estudos que intimam análises textuais que estabelecem interpretações e significados” (GUERTZENSTEIN, 2013, p. 18), ou seja, um método de análise dos textos judaicos. Dessa forma, escolha do título *Um Midrash de Natal* aponta para uma interpretação religiosa do conto por parte deste tradutor. Ainda de acordo com o a pesquisa de Azevedo (2007), o Midrash se baseia nas narrativas orais e no livro sagrado *Torá* que, segundo a mitologia apresentada pelo o autor, foi um livro criado por Deus na qual o mesmo escreveu em folhas brancas com chamas negras. O autor aponta o motivo de Midrash afirmando que “o fogo negro é imutável, não deve ser tocado, ao mesmo tempo o branco, que é igualmente sagrado, deve ser interpretado, buscado” (AZEVEDO, 2007, p. 165). Logo, podemos prever, já pela escolha proposta pelo título, que o embate entre bem e mal, claro e escuro, operante no conto, será interpretado por Lucas a partir de uma ótica marcadamente religiosa, ressignificando o duplo na narrativa. DeMars (2010) aponta o duplo como uma técnica de escrita que causa ao leitor um sentimento de ansiedade, inquietação através de um contraste gerado na narrativa e que, geralmente, tem o intuito de criticar certos aspectos sociais. Menon (2009), por sua vez, que caracteriza o duplo em psicológico ou físico, apontando que o fenômeno pode ocorrer dentro ou fora da personagem, expandindo-a ou dividindo-a de modo a compreender a condição psicológica na qual a mesma se encontra, não somente as ocorrências presentes na narrativa. De acordo com Menon (2009) a técnica do duplo pode se apresentar no campo físico – como em *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde* (1886), através da transformação de Dr. Jekyll em Mr. Hyde – ou psicológico – como no caso do conto *Markheim* (1885). Essas manifestações no conto *Markheim*, que serviram de ensaio para a técnica da duplicação mais tarde desenvolvida pelo autor no romance mencionado acima, podem ocorrer de diversas formas: uma delas é apresentada pelo pesquisador supracitado como antagonismo no qual dois elementos opostos se complementam. Na passagem abaixo (tabela.1), percebemos o duplo de duas formas na iluminação da loja.

Tabela.1: *Primeiro momento: A chegada de Markheim à loja.*

TEXTO FONTE	TEXTO A	TEXTO B
Markheim had but just entered from the daylight streets, and his eyes had not yet grown familiar with the mingled shine and darkness in the shop. At these pointed words, and before the near presence of the flame , he blinked painfully and looked aside.	Markheim recém-deixara a claridade do lado de fora, e seus olhos ainda não tinham se acostumado com a mistura de brilhos e obscuridade da loja . Ao ouvir aquelas palavras do negociante, e diante da proximidade da luz de vela , ele esquivou-se e olhou em outra direção.	Marcelo acabava de sair da claridade das ruas e os seus olhos não se haviam habituado ainda à mistura de luz e escuridão que reinava na loja. E ante aquelas palavras ferinas, ante a presença próxima da chama , pestanejou com desagrado e desviou a vista.
<i>Parágrafo: 2</i>	<i>Parágrafo: 2</i>	<i>Parágrafo: 2</i>

Percebemos o duplo na descrição da iluminação da loja no conto fonte expressa em “mingled shine and darkness”, fazendo com que já se tenha uma visão do duplo complementar. O Texto A, assim como o Texto Fonte, destaca essa complementação mantendo a tradução sintaticamente mais próxima do conto de Stevenson através da sentença “mistura de brilhos e obscuridade da loja”. Na tradução feita por Silvio Lucas a locução “mistura de luz e escuridão” faz uso dessa dicção religiosa da oposição entre bem e mal figurada na luz versus a escuridão. Essa oposição do bem contra o mal, representada pela luz e pela escuridão, explicita a construção do duplo manifestada no campo psicológico, no Texto

A. Assim, o Texto Fonte vai construindo implicitamente o duplo através da sentença “near presence of the flame”, já que o personagem Markheim, que planejava roubar a loja, desvia do contato com luz da vela, que representa o bem, e mantém-se na escuridão de seus atos. E dessa forma mantém-se o Texto B, “presença próxima da chama”: o Texto A, por sua vez, explicita o duplo no campo psicológico por meio do uso da palavra “luz” na expressão “proximidade da luz de vela”, abordando, dessa forma, o antagonismo entre luz e escuridão. Notamos, também, que o Texto B substitui o nome Markheim por Marcelo, enquanto o Texto A o mantém igual ao Texto Fonte. Isso se dá devido ao fato do tradutor Silvio Lucas ter se apropriado da narrativa de forma a modifica-las em certos pontos. Tal substituição pode ocorrer, também, para evitar que o nome nativo cause estranheza ao leitor, já que segundo Oustinoff (2011), de acordo como o segundo princípio de VD, chamado *Idiomaticidade*, uma tradução deve passar a impressão de que foi escrito na língua alvo.

Nas passagens abaixo temos a construção da técnica do duplo na descrição de um espelho, uma vez que a manifestação do duplo em tais objetos “tem sua existência atestada pela sombra que acompanha cada ser e pela duplicação do indivíduo por sua imagem especular” (SOUZA. 2005, p. 2). Ou seja, o ser humano é duplicado a partir do momento que se olha no espelho e isso ocorre, também, pois, de acordo com Souza (2005), ao se olhar no espelho, o ser humano se vê como o outro o vê. Sendo assim, ao observar o trecho abaixo, podemos notar o desconforto do personagem Markheim ao receber um espelho do antiquário.

Tabela.2: Segundo momento: Parte da discussão entre Markheim e o Negociante.

TEXTO FONTE	TEXTO A	TEXTO B
I ask you,' said Markheim, 'for a Christmas present, and you give me this — this damned reminder of years, and sins and follies — this hand-conscience! Did you mean it? Had you a thought in your mind? Tell me. It will be better for you if you do. Come, tell me about yourself. I hazard a guess now, that you are in secret a very charitable man?’	Estou querendo - disse Markheim - um presente de Natal, e o senhor me vem com isso, esse terrível provocador de lembranças, dos anos, dos pecados e das loucuras... esse despertador de consciências?! Está querendo me dizer alguma coisa com isso? Teve alguma intenção oculta? Diga- me. Será melhor que o senhor fale... Imagino que no fundo seja um homem caridoso, ou será que não?	- Eu lhe pedi um presente de Natal e me vem o senhor com este... este maldito memento dos anos, dos pecados, das loucuras - esta consciência de mão! Pensou nisso? Terá por acaso um pensamento no espírito? Diga! É melhor que o diga. Vamos, fale-me em sua pessoa. Vou arriscar um palpite: quem sabe, às escondidas, não é o senhor um homem muito caridoso?
<i>Parágrafo: 13</i>	<i>Parágrafo: 17</i>	<i>Parágrafo: 15</i>

O espelho é descrito negativamente no Texto Fonte como “damned reminder of years, and sins and follies — this hand-conscience”, ou seja, como um objeto que traz lembranças ruins, uma extensão visível e ao alcance da mão da consciência ao mostrar o que Souza (2005) afirma como uma nova perspectiva de si próprio. Essa descrição é traduzida no Texto A como “terrível provocador de lembranças, dos anos, dos pecados e das loucuras... esse despertador de consciências” mantendo-se o sentido de espelho como uma extensão visível da consciência e do passado, mas perde-se esta proximidade do alcance da mão; o Texto B traz esta sentença como “maldito memento dos anos, dos pecados, das loucuras - esta consciência de mão”, utilizando o vocábulo “memento”, com sua carga semântica marcada no sentido religioso como referência às orações oferecidas em memória de pessoas já falecidas, quanto no sentido de algo que traz memórias e recordações; e utiliza o adjetivo “maldito” para

caracterizar negativamente o objeto, adjetivo mais marcado do que terrível. O Texto B traz também a expressão “consciência de mão”, mantendo, assim como o Texto Fonte, a descrição física do espelho como um objeto pequeno capaz de segurar em uma mão.

Após a discussão entre Markheim e o antiquário, em parte nas passagens acima, este primeiro ataca o negociante pelas costas, ferindo-o com um punhal. Este último, por sua vez, cai ao chão se debatendo e, por fim, morre. Em seguida, Markheim aterroriza-se enquanto reflete acerca da morte do antiquário, iniciando, assim, um conflito psicológico entre o bem e o mal. Podemos perceber tal confronto no vigésimo oitavo parágrafo, posto abaixo, no qual o duplo se manifesta através da exploração “dos estados psicológicos do indivíduo” (MENON, 2009, 733), construindo o que Menon (2009) aponta como um ambiente propício à manifestação da dualidade, demonstrado entre o antagonismo razão versus pulsão.

Tabela.3: Terceiro momento: A Avaliação do assassinato por Markheim.		
TEXTO FONTE	TEXTO A	TEXTO B
(...) He should have chosen a more quiet hour; he should have prepared an alibi; he should not have used a knife; he should have been more cautious, and only bound and gagged the dealer, and not killed him; he should have been more bold, and killed the servant also; he should have done all things otherwise:	(...) Devia ter escolhido uma hora mais calma, devia ter preparado um álibi, não ter usado punhal, ter sido mais cuidadoso. Devia ter amarrado e amordaçado o lojista, e não matado... Devia ter sido mais audacioso e matado a criada também. Ter feito, enfim, tudo de uma outra maneira.	(...) Deveria ter escolhido hora mais sossegada; deveria ter preparado um álibi; não deveria ter usado uma faca; deveria ter tido mais cautela: contentar-se em amarrar e amordaçar o homem, e não dar-lhe morte; deveria ter sido mais ousado e matar a criada também; deveria ter feito tudo de outra maneira;
<i>Parágrafo: 28</i>	<i>Parágrafo: 37</i>	<i>Parágrafo: 32</i>

No trecho “he should have been more cautious, and only bound and gagged the dealer, and not killed him” podemos notar o remorso de Markheim por ter matado o negociante pelas consequências que ele agora prevê, não pelo bem em si. Entretanto na sentença seguinte – “he should have been more bold, and killed the servant also” – é possível perceber o desgosto em não ter matado a única criada e cedido a este mal/escuridão. O texto A traz o apagamento dessa dualidade, isto é, a mescla de luz e escuridão, a última eclipsando a primeira, reestruturando as sentenças do conto focalizando a repetição do termo “devia”, como Lucas o faz no Texto B com deveria: “devia ter sido mais cuidadoso. Devia ter amarrado e amordaçado o lojista, e não matado” e depois em “Devia ter sido mais audacioso e matado a criada também”. Enquanto o texto fonte utiliza o modal “should” seis vezes, o Texto A – diferentemente do Texto B, que traz o mesmo número de repetições que o Texto Fonte – apresenta o termo “devia” apenas três vezes. O texto B, embora tenha seguido a mesma estrutura do texto fonte, enfatizando o remorso presente no vocábulo “deveria” – como na oração “deveria ter tido mais cautela: contentar-se em amarrar e amordaçar o homem, e não dar-lhe morte” – utiliza a expressão “dar-lhe morte” como modo de suavizar o ato praticado por Markheim, realçando o descontentamento por parte da personagem. Entretanto, diferentemente da sentença anterior, o texto B traz, de fato, o verbo “matar” em “deveria ter sido mais ousado e matar a criada também” rompendo a suavidade antes utilizada e mostrando, assim como no texto A, o pesar por não ter assassinado a criada.

A partir de um confronto externo com um visitante misterioso – ora interpretado miticamente como um demônio ou como anjo, ora interpretado através da perspectiva psicanalítica como a consciência de Markheim – e de um conflito interno e pessoal, notamos a compreensão e aceitação por parte da personagem acerca da dualidade que nela se encontra,

presente nos fragmentos abaixo (tabela. 3), trazendo a manifestação do duplo na personagem de forma mais clara.

Tabela.3: Terceiro momento: A reflexão de Markheim a respeito da sua dualidade.

TEXTO FONTE	TEXTO A	TEXTO B
<p>Evil and good run strong in me, haling me both ways. I do not love the one thing, I love all. I can conceive great deeds, renunciations, martyrdoms; and though I be fallen to such a crime as murder, pity is no stranger to my thoughts. I pity the poor; who knows their trials better than myself?’</p>	<p>(...) O mal e o bem são muito fortes em mim, me atraem nos dois sentidos. Não me limito a amar apenas uma coisa: amo tudo. Posso conceber grandes ações, renúncias, martírios; e embora eu tenha me envilecido a ponto de cometer um assassinato, a piedade não é estranha aos meus sentimentos. Sinto compaixão pelos pobres; quem, melhor do que eu, conhece as suas provações?</p>	<p>(...) O mal e o bem florescem dentro de mim com força idêntica, arrastando-me para ambos os lados. E eu não dou preferência a coisa nenhuma - gosto de tudo. Posso conceber grandes feitos, renúncias, martírios; e embora me deixe arrastar a crimes como o homicídio, a piedade não é estranha ao meu coração. Tenho dó dos pobres; quem, melhor que eu, lhes conhece as provações?</p>
<i>Parágrafo: 83</i>	<i>Parágrafo: 81</i>	<i>Parágrafo: 108</i>

Nas passagens acima destacadas pode-se perceber o duplo atuando de modo conflituoso como forças opostas, bem e mal, a agir sobre o protagonista: “*Evil and good run strong in me, haling me both ways*”. O verbo *hale* está aqui em uso em sua acepção arcaica, no sentido de, como informam os dicionários *onlines Dictionary.com* e *The Free Dictionary*, pull (puxar), draw (atrair), drag (arrastar), hoist (alçar). No Texto B, o tradutor opta por focalizar a intensidade do ato escolhendo o termo “arrastando”; no texto A, por sua vez, o tradutor mitiga essa força escolhendo “atraem”, modificando o sentido de algo compulsório e proporcionando a personagem o papel ativo na escolha de praticar ou não a ação. Ainda nas mesmas passagens, notamos que enquanto no Texto Fonte há a expressão “Evil and good run strong in me” – traduzida no Texto A como “O mal e o bem são muito fortes em mim” – o Texto B traz uma metáfora diferente e expandida, associando o arrastar ao florescer: “O mal e o bem florescem dentro de mim com força idêntica”, inchando a sentença enxuta de Stevenson com expressões como “força idêntica”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo compreender de que forma o duplo é reescrito nas traduções do conto *Markheim – Markheim* (2003), inserido em *Os 100 Melhores Contos de Crime Mistério da Literatura Universal* e traduzido por Flávio Moreira da Costa e *Um Midrash de Natal* (2010), por Silvio Lucas, publicado no blog *Pedaços*. Para tanto, cotejamos quatro momentos do conto e suas traduções – quando a personagem Markheim chega à loja; quando o mesmo com o antiquário; quando o mesmo pondera sobre a execução de seu plano; a reflexão da personagem a respeito da dualidade presente em si – analisando-os e discutindo-os a partir dos conceitos de reescrita por Lefevere (2007). Para Lefevere (2007), a reescrita opera a manipulação do texto literário e impacta em sua recepção devido à

transmissão de ideologias para um público que tem acesso à obra apenas ou principalmente por meio da sua reescrita. Para abordar a questão do duplo baseamo-nos no conceito de DeMars (2010) e Menon (2009), que o compreendem, no texto literário, como estratégia para causar inquietação e indagação ao leitor.

Através da produção da presente pesquisa pôde-se notar a disparidade de parágrafos existente entre as três versões da narrativa, uma vez que o Texto Fonte – *Markheim* (1885) – possui apenas 94 parágrafos e suas traduções possuem 105 e 126 – Texto A e B, respectivamente. Esta extensão do Texto A – *Markheim* (2003) – ocorre porque a tradução tende a ser, de certa forma, mais explicitadora e alongada, por isso, a pontuação acaba por ser reajustada, ocasionando, por sua vez, no aumento de parágrafos. Entretanto, esse prolongamento presente no Texto B – *Um Midrash de Natal* (2010) – ocorre devido à apropriação da narrativa pelo tradutor que reescreve o conto através de uma perspectiva religiosa, acrescentando, assim diversos parágrafos que não fazem parte da narrativa, e modificando o final da mesma. Notamos, também, como a manipulação ocorre no processo de tradução – reescrita – e opera sobre texto literário, uma vez que o tradutor reescreve a narrativa de acordo com suas ideologias – como no caso da tradução de Silvio Lucas, *Um Midrash de Natal* (2010). As traduções aqui analisadas tratam-se traduções feitas por um tradutor profissional, Flávio Moreira da Costa, e um não profissional, Silvio Lucas. Este último, por sua vez, se sente mais confortável em manipular e alterar o texto fonte, considerando ainda a forma de circulação dos textos – Texto A, em uma antologia que reúne o que o organizador, Flávio Moreira da Costa, considera como os 100 melhores contos acerca dos temas crime e mistério, estruturada nos eixos criminais e policiais, destinada a um público mais amplo; e o Texto B, com circulação mais restrita, em um blog que, em grande parte, é composto por textos que apresentam críticas sociais feitas a partir de discussões filosóficas e, sobretudo, religiosas. Portanto, esta pesquisa contribui para os estudos da tradução, uma vez que Lefevere (2007) aponta que os leitores-não profissionais – que constituem grande parte dos leitores – estão em contato com obras literárias por meio de suas reescritas e, por isso, não podemos negligenciar os estudos das mesmas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Leandro Villela de. Midrash Rabbah: a Torá oral e a discussão rabínica medieval. **Cadernos de Pesquisa do CDHIS** — n. 36/37 — ano 20 — p. 165-174 — 2007

GUERTZENSTEIN, Daniela Susana Segre. Bíblia Hebraica Na Literatura Rabínica: **Revista Vértices**. São Paulo. [No. 15. 2013](#). Pág. 7-26

HALE. (n.d.). Dictionary.com Unabridged. Disponível em: <http://www.dictionary.com/browse/hale>> Acesso em: 22 de Fevereiro de 2017.

HALE. (n.d.) *American Heritage® Dictionary of the English Language, Fifth Edition*. (2011). Disponível em: <http://www.thefreedictionary.com/>> Acesso em: 22 de Fevereiro de 2017

LEFEVERE, André. **Tradução, Reescrita e Manipulação da Fama Literária**. Trad. Claudia Matos Seligmann. Bauru: Edusc, 2007. p. 13-27

LUCAS, Silvio. **Um Midrash de Natal**. 13, junho de 2010. Disponível em: <http://silviolucsil.blogspot.com.br/2010/06/um-midrash-de-natal.html>> acesso em: 09h24min em 16 de fevereiro de 2017

MENON, Maurício Cesar. A questão do duplo em duas narrativas brasileiras. In: **CELLI – COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS**. 3, 2007, Maringá. Anais... Maringá, 2009, p. 732- 739.

SOUZA, Ivete Vidigoi de et al. **O espelho e a duplicação do eu**. 2005.

STEVENSON, Robert Louis. Markheim. In: (Org) NORMAN, Henry. **Broken Shaft: tales in mid-ocean**. New York: D. Appleton and company, 1, s and 5 Bonde Street. 1886. pp. 52-80

STEVENSON, Robert Louis. Markheim. In: (Org) COSTA, Flávio Moreira da. **Os Melhores Contos de Medo, Horror e Morte**. Editora Nova Fronteira, 2005. pp. 145-165